





# ENTRE VOZES

Interlocuções,  
narrativas e  
poéticas  
da esperança

## ORGANIZADORES

José Aguiar Nobre

Donizete José Xavier

Dayvid da Silva





## SUMÁRIO

PREFÁCIO, 7

*José Aguiar Nobre*

*Dayvid da Silva*

*Donizete José Xavier*

INTERLOCUÇÃO COM PAULO FREIRE E PAPA FRANCISCO:

UM DIÁLOGO SOBRE A PEDAGOGIA DA VIDA E DA ESPERANÇA, 13

*Sônia Maria Alves de Oliveira Reis*

PAPA FRANCISCO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DIÁLOGO

ENTRE TEOLOGIA E LITERATURA, 47

*Dayvid da Silva*

ENTRE VOZES: INTERLOCUÇÕES ENTRE PAUL RICOEUR

E O PAPA FRANCISCO, 69

*Marcelo de Jesus Pires*

EDUCAÇÃO COMO ATO DE ESPERANÇA: FUNDAMENTOS DE

UMA ANTROPOLOGIA POÉTICA DA FORMAÇÃO, 83

*Donizete José Xavier*

*Marina Graziela Feldmann*

SEDE DE ESPERANÇA E TEOPOÉTICA DA VIDA: A ESPERANÇA

CRISTÃ COMO FORÇA PROFÉTICA E HUMANIZADORA, 121

*Celia Soares de Sousa*

ESPERANÇA EM TEMPOS DE MEDO: REFLEXÕES A PARTIR  
DO PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO E BYUNG-CHUL  
HAN PARA UMA SOCIEDADE MAIS HUMANA, 133

*André Magalhães Coelho*

A ESPERANÇA NOS DOIS PAULO: O APÓSTOLO E O FILÓSOFO, 153

*Elton da Silva Santana*

DE ONDE VEM A ESPERANÇA? UMA ANÁLISE DO POEMA  
“ESTA VIDA” DE GUILHERME DE ALMEIDA, 173

*Marcel Gustavo Alvarenga*

FRANCISCO, O PAPA DA ESPERANÇA: DESAFIOS DE  
ABERTURA PARA UMA IGREJA EM CONVERSÃO, 189

*Emerson de Almeida Amaral*

DOS ENSINAMENTOS DO PAPA FRANCISCO PARA UMA IGREJA  
EM SAÍDA NO SANTUÁRIO VAILANKANNI, 205

*George Fernandes Jesuraj*

O ESPERANÇAR COMO VOZ POÉTICA E PROFÉTICA,  
SEGUNDO O PAPA FRANCISCO, 219

José Adeildo Pereira Machado

POSFÁCIO, 233

*José Aguiar Nobre*

*Dayvid da Silva*

*Donizete José Xavier*

*Emerson de Almeida Amaral*

SOBRE OS AUTORES, 237

ÍNDICE REMISSIVO, 243

## **PREFÁCIO**

José Aguiar Nobre  
Dayvid da Silva  
Donizete José Xavier

Há livros que se oferecem ao leitor como verdadeiros espaços de encontros e não como simples compilações de textos. Isso é perfeitamente possível quando eles se realizam onde vozes distintas não apenas coexistem, mas se escutam, se tensionam e se iluminam mutuamente. *Entrevozes: interlocuções, narrativas e poéticas da esperança* pertence, sem dúvida, se efetiva neste espírito de um espaço frutífero de cooperação na construção do conhecimento. Trata-se de uma obra que não se limita a reunir reflexões, mas que propõe um itinerário — intelectual, espiritual e existencial — no qual a esperança emerge como categoria central, não apenas pensada, mas vivida, narrada e poetizada.

O título já antecipa sua força simbólica: *Entrevozes*. Não se trata de uma voz única, nem de um discurso homogêneo, mas de um entrelaçamento de perspectivas que se encontram no espaço fecundo do diálogo. Este “entre” é, ao mesmo tempo, lugar de mediação e de criação — onde a palavra não se impõe, mas se oferece; onde o pensamento não se encerra, mas se abre. Nesse sentido, a obra assume um caráter profundamente contemporâneo, pois responde à urgência de nosso tempo: a necessidade de reconstruir sentidos a partir da escuta e da interlocução.

A primeira parte, dedicada às conferências, estabelece o eixo estruturante do livro ao articular grandes matrizes de pensamento que marcam o horizonte teológico e humanista atual. O diálogo entre Paulo

Freire e o Papa Francisco, por exemplo, não é apenas uma aproximação temática, mas uma verdadeira convergência ética e pedagógica, na qual a esperança se revela como prática transformadora. A pedagogia freireana, com sua ênfase na conscientização e na dignidade do sujeito, encontra eco no magistério do Papa Francisco, que insiste numa Igreja em saída, comprometida com os pobres e com a vida concreta. Aqui, a esperança não é abstração: é ação histórica.

Na mesma linha, o encontro entre teologia e literatura amplia o horizonte hermenêutico da obra, mostrando que a experiência de fé não se esgota em categorias dogmáticas, mas se expressa também na linguagem simbólica, narrativa e estética. A literatura, nesse contexto, não é mero ornamento, mas mediação privilegiada do humano — e, portanto, lugar teológico. Essa perspectiva se aprofunda ainda mais nas interlocuções com Paul Ricoeur, cuja filosofia da interpretação oferece instrumentos preciosos para compreender a esperança como narrativa em construção, sempre aberta ao futuro.

A educação, por sua vez, aparece como espaço privilegiado dessa dinâmica esperançosa. Ao ser compreendida como ato poético e antropológico, ela ultrapassa os limites da instrução e se afirma como formação integral do ser humano. Educar, nesse horizonte, é acreditar na possibilidade do outro, é investir no ainda-não, é cultivar o inédito viável — para retomar uma expressão tão cara a Paulo Freire.

Na segunda parte, composta pelas comunicações, o leitor é convidado a adentrar uma diversidade ainda maior de abordagens, nas quais a esperança se manifesta em múltiplas tonalidades. Seja como força profética que resiste à desumanização, seja como resposta ao medo que marca a contemporaneidade, a esperança aparece como categoria crítica e transformadora. O diálogo com pensadores como Byung-Chul Han evidencia, inclusive, os desafios de uma sociedade marcada pelo cansaço,

pelo individualismo e pela perda de sentido — contexto no qual a esperança se torna ainda mais necessária e, ao mesmo tempo, mais exigente.

Particularmente instigante é a articulação entre tradição bíblica, filosofia e literatura, como se vê nas reflexões sobre “os dois Paulos” ou na análise poética de textos literários. Aqui, a esperança se revela não apenas como conteúdo, mas como forma — como linguagem que resiste ao fechamento do mundo e insiste em dizer o que ainda pode vir a ser. Trata-se de uma esperança que não ignora o sofrimento, mas que se constrói precisamente no interior das contradições da história.

A presença recorrente do Papa Francisco ao longo da obra confere unidade e atualidade ao conjunto. Sua figura emerge como referência ética, espiritual e pastoral, capaz de articular fé, justiça e cuidado com a casa comum. Mais do que um tema, o Papa Francisco aparece como interlocutor privilegiado de uma Igreja que se compreende em processo de conversão — uma Igreja chamada a sair de si mesma, a escutar, a dialogar e a servir. Nesse contexto, a esperança deixa de ser apenas promessa futura e se torna prática eclesial concreta.

Outro aspecto digno de destaque é a dimensão poética que atravessa toda a obra. Não se trata apenas de textos que falam sobre poesia, mas de uma escrita que, em muitos momentos, assume ela mesma um caráter poético. Isso não é acidental: a esperança, quando levada a sério, exige uma linguagem que ultrapasse o meramente conceitual. Ela precisa ser dita, cantada, narrada — porque toca dimensões profundas da existência que não se deixam capturar por definições rígidas.

Assim, *Entrevozes* se apresenta como uma obra que desafia o leitor a mais do que compreender: convida a experimentar. Ler este livro é entrar em um espaço de ressonância, onde diferentes vozes ecoam e se transformam mutuamente. É também um exercício de escuta — escuta do outro, do mundo e, talvez, de si mesmo.

Em tempos marcados por crises múltiplas — sociais, políticas, ecológicas e existenciais —, falar de esperança pode parecer ingênuo ou até mesmo ilusório. No entanto, esta obra demonstra justamente o contrário: que a esperança, quando pensada com rigor e vivida com compromisso, é uma das forças mais potentes de transformação. Ela não nega a realidade, mas a enfrenta; não foge do sofrimento, mas o atravessa; não se contenta com o que é, mas insiste no que pode ser.

Que o leitor, ao percorrer estas páginas, se permita ser interpelado por essas vozes. Que encontre nelas não apenas reflexões, mas caminhos. E que, ao final, descubra que a esperança — longe de ser um conceito distante — é uma tarefa compartilhada, um compromisso ético e uma poética da vida.

## **CONFERÊNCIAS**

### — PARTE I

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos — em suma, onde estiver cristãos — qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia.

(Papa Francisco. 2015. *Misericordiae Vultus*, n.12)



# **INTERLOCUÇÃO COM PAULO FREIRE E PAPA FRANCISCO**

## **Um diálogo sobre a pedagogia da vida e da esperança**

Sônia Maria Alves de Oliveira Reis

Este texto é resultado de um diálogo *online* sobre as contribuições de Papa Francisco e Paulo Freire para pensar a Pedagogia da Vida e da Esperança, realizado na XIII Jornada de Estudos intitulada “Entre Vozes: interlocuções, narrativas e poéticas da esperança”. O evento foi promovido pela Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) no dia 11 de novembro de 2025 e minha participação teve como finalidade estabelecer pontes, interlocuções e diálogos entre as fontes do pensamento de Papa Francisco e Paulo Freire, visando identificar os pontos de convergência entre os escritos deles em relação à Pedagogia da Vida e da Esperança, sobretudo nas encíclicas *Laudato Si* (2015); *Fratelli Tutti* (2020) e *Laudate Deum* (2023).

As modestas reflexões compartilhadas neste texto resultam de estudos que venho fazendo sobre as convergências entre o pensamento de Paulo Freire expresso nas entrevistas, ensaios, artigos, livros e cartas que ele escreveu sobre temáticas emergentes e as referidas encíclicas do Papa Francisco que nos inspiram e motivam a pensar a Pedagogia da Vida e da Esperança no Brasil e no mundo.

Gostaria de destacar que estes pensamentos aqui apresentados partem de minha experiência de fé e comunitária nas comunidades Eclesiais de Base e de estudos sobre Paulo Freire e de uma vida fincada na educação popular por meio do ensino, da pesquisa, da extensão e da militância,

principalmente a partir de minha experiência como Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A discussão parte do reconhecimento de que tanto em Paulo Freire, quanto em Papa Francisco, encontramos conceitos, ideias, concepções e propostas metodológicas que nos permitem articular o referencial da Teologia Latino-Americana com a Pedagogia da Vida e da Esperança, buscando entender, a partir desse cruzamento, a constituição de um itinerário pedagógico crítico das heranças do colonialismo nos territórios periféricos do Sul global, particularmente na América Latina.

Compreendemos que as obras de Paulo Freire e as encíclicas do Papa Francisco fortalecem as contribuições teológicas, antropológicas, pedagógicas, políticas, epistemológicas e sociológicas que estes autores forneceram para a educação a serviço da vida e da esperança. Desde nosso ponto de vista, este argumento pode ser sustentado com base nas trajetórias praxiológicas destes autores como educadores e terceiro-mundistas que tentam combinar a mente com o coração, para guiar a vida no caminho certo e suportar os tropeços e as dificuldades.

Por necessidade de delimitação, abordarei os traços que considero mais centrais da convergência do pensamento de Papa Francisco e Paulo Freire, tendo em vista a formulação de uma Pedagogia da Vida e da Esperança na América Latina. Deste modo, pretendo colocar os dois autores em perspectiva, efetivando uma espécie de comparação entendida como um recurso dialógico de construção de uma intertextualidade. No primeiro momento, apresentarei de forma breve aspectos da vida de Paulo Freire e Papa Francisco e a seguir procurarei extrair o núcleo central das contribuições deles para a formulação de uma Pedagogia da Vida e da Esperança latino-americana.

## **Papa Francisco e Paulo Freire: um pensamento nascido da vida**

Paulo Freire nos deixou um grande legado. Uma vida e uma biografia comprometida com os oprimidos e os esfarrapados do mundo. Freire nos encantou, em vida, com sua ternura, doçura, carisma e coerência, compromisso e seriedade. Suas palavras e ações foram de luta por um mundo menos feio, malvado e desumano. Ao lado do amor e da esperança, ele também nos deixa um legado de indignação diante das injustiças. Para Freire (1987), o amor é uma exigência existencial que requer de nós a coragem, a humildade, o sonho de construção de um mundo melhor, a esperança para nos lançarmos em ações que implicam nossa vocação: a humanização!

A infância pobre, no Recife, nordeste brasileiro, foi o primeiro contato com uma realidade que se tornou cenário para sua inovadora prática educacional. Ainda menino, aprendeu a escrever à sombra das mangueiras, no quintal da casa, com os pais. Foi no contato permanente com trabalhadores — quando diretor do SESI<sup>1</sup> recifense — e, também, nos movimentos populares das décadas de 1950 e 1960, que buscou a inspiração para formular suas concepções, especialmente para a elaboração (em colaboração com muitas outras pessoas, inclusive mulheres) do método de alfabetização de educação de adultos.

Durante boa parte dos anos dos governos militares no Brasil, os seus livros foram proibidos, as suas ideias foram consideradas perigosas e o seu próprio nome foi impedido de ser pronunciado em nossas escolas e universidades. No entanto, ao longo desse mesmo tempo seus livros seguem sendo reeditados, ano após ano, em português e em inúmeras outras línguas. Pensadores, filósofos, cientistas, artistas, líderes religiosos, educadores e militantes de movimentos sociais e populares conhecem,

---

1 Serviço Social da Indústria.